



Instauratio Magna

Revista do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia da Universidade Federal do ABC
v. 1, n. 2 (2021) • ISSN: 2763-7689

Tradução

Filosofar no feminino:
a primeira carta de Elisabeth da
Boêmia a René Descartes
(16 de maio de 1643)

Traduzido por
Rafael Teruel Coelho

Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo (SP)

DOI: 10.36942/rfim.v1i2.324

Recebido em: 14 de setembro de 2020.

Aprovado em: 30 de novembro de 2020.

Contato do tradutor: teruel@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9540578217512846>

Filosofar no feminino: a primeira carta de Elisabeth da Boêmia a René Descartes (16 de maio de 1643)

Rafael Teruel Coelho

Apresentação

Trazer à luz uma nova tradução de uma das cartas que Elisabeth da Boêmia remeteu a Descartes insere-se em um projeto grandioso. Trata-se de um genuíno esforço hermenêutico, capitaneado por alguns intelectuais contemporâneos, de investigar a existência de pensamentos filosóficos produzidos por mulheres¹. A vasta tradição de intérpretes e comentadores da filosofia ocidental, desde sua provável origem na antiguidade clássica, debruçou-se apenas sobre interessantes querelas protagonizadas por homens. Assim sendo, e não poderia ser diferente, o cânone filosófico é composto hegemonicamente por filósofos, e essa predominância resultou na nefasta marginalização da atividade filosófica cultivada por mulheres. Entretanto, a ausência de mulheres na constituição do cânone filosófico seria uma espécie de dado

1. Dentre as pesquisadoras que buscam investigar a existência de filosofias de autoria feminina, destacam-se Lisa Shapiro (1999; 2007), Deborah Tollefsen (1999), Eileen O'Neill & Marcy P. Lascano (2019), Delphine Kolesnik-Antoine & Marie-Frédérique Pellegrin (2014), Katarina Peixoto (2020), Tessa Moura Lacerda (2020), dentre outras.

insuperável? Será que as mulheres da antiguidade clássica, do período medieval ou da modernidade não se interessavam pelo debate filosófico? Seria a filosofia uma atividade essencialmente masculina? Não seria possível, por meio de um sério trabalho hermenêutico, propor uma reescritura do cânone filosófico?

À luz desses questionamentos, afirmamos que o caráter insuperável da marginalização da atividade filosófica feminina tem se mostrado meramente aparente. Na contemporaneidade, diversos pesquisadores têm-se debruçado sobre interessantes problemas filosóficos escritos por mulheres, que constituem discussões profícuas, originais e eminentemente filosóficas. Tal é o caso, por exemplo, de Elisabeth da Boêmia, princesa palatina, uma das correspondentes de René Descartes. A referida correspondência, inaugurada na primavera de 1643, foi ensejada por uma questão de cunho metafísico. Um desses problemas foi levantado por Elisabeth a partir de sua leitura das *Meditações Metafísicas*, seguida de acaloradas discussões com Henricus Regius, professor de medicina da Universidade de Utrecht, e Alphonse Pollot, administrador real da Casa de Orange, ambos assíduos leitores das obras cartesianas. Esses intelectuais evidenciaram o germinar de uma querela filosófica de relevância peculiar, e sua grandiosidade e originalidade fizeram dela um clássico problema de filosofia: “como a alma do homem pode determinar os espíritos do corpo realizar ações voluntárias, (não sendo ela nada mais que uma substância pensante)”?

Nas *Meditações Metafísicas*, Descartes foi bastante claro ao demonstrar a real distinção entre a alma e o corpo do ser humano. Para o filósofo,

já que, de um lado, tenho uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e inextensa, e que, de outro, tenho uma ideia distinta do corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa e que não pensa, é certo que este eu, isto é, minha alma, pela qual sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distinta de meu corpo e que ela pode ser ou existir sem ele. (DESCARTES, 1973, p. 142; AT IX 62)

Ora, se a alma e o corpo são duas substâncias radicalmente distintas, cujas essências (ser pensante, no caso da alma, e ser extenso, no caso do corpo) são plenamente irreduzíveis entre si, estaria aparentemente descartada a possibilidade de interação entre elas. Dito de outro modo, como algo de natureza imaterial teria a possibilidade de interagir com um objeto físico, uma vez que eles são, por essência, radicalmente diferentes? Não haveria, no caso da alma e do corpo, nenhum denominador comum que pudesse viabilizar quaisquer tipos de conexão entre eles.

Contudo, aos olhos de Descartes, trata-se de um problema meramente aparente, já que, ao longo de sua vida, ele jamais negou a possibilidade de interação substancial, embora ele

próprio defendesse o fato de sua distinção ontológica. Nas palavras de Descartes, “mas dir-vos-ei que toda a dificuldade nelas contida procede apenas de uma suposição que é falsa e que de modo algum pode ser provada, a saber, que, se a alma e o corpo são duas substâncias de natureza diversa, isto as impede de poder agir uma sobre a outra” (DESCARTES, 1973, p. 220; AT IX 213). Nessa perspectiva, advoga Descartes “[...] não é necessário que o espírito seja da ordem e da natureza do corpo, conquanto tenha a força ou a virtude de movê-lo” (DESCARTES, 1973, p. 212; AT VII 389).

Entretanto, não obstante a veemente defesa cartesiana a favor da interação e união substanciais, alguns de seus contemporâneos insurgiram-se contra suas razões, alegando que seria difícil compreender como duas substâncias, sendo radicalmente distintas, pudessem interagir causalmente². As teses metafísicas da distinção e união substanciais seriam, aos olhos de muitos, inclusive aos de Elisabeth da Boêmia, inconciliáveis. Isso em virtude de que, para os mecanicistas, a determinação ao movimento exigia que um corpo tocasse outro corpo, de modo que este pudesse ser impulsionado por aquele, haja vista que ambos possuíam figura,

2. Daisie Radner (1971, 1985) é a principal crítica da união substancial à luz da teoria geral da causalidade de Descartes, conforme exposta na Terceira Meditação. Lisa Shapiro (2007, pp. 40-1) e Alexandre Soares também defendem que Elisabeth empreende uma “reflexão sobre a causalidade”, sobretudo em termos de uma causalidade eficiente, revelando uma postura essencialmente mecanicista/materialista (SOARES, 2017, p. 136)

superfície e extensão, características imprescindíveis para que o contato entre eles pudesse ocorrer. Em contrapartida, a princesa da Boêmia notou que, se concordássemos com Descartes que, como vimos, afirmava que a alma é imaterial, jamais a substância pensante poderia determinar o movimento dos espíritos animais. Ao fim e ao cabo, uma vez assumida a distinção real entre a alma e o corpo do ser humano, as ações voluntárias que, para Descartes, eram frutos da interação entre o imaterial e o material, não poderiam acontecer. Triunfa, aos olhos da princesa, o famigerado *axioma da medida comum*, fortemente defendido por Espinosa, Leibniz e Malebranche, embora amplamente contestado por Descartes. O que Elisabeth procura, então, é esclarecer um problema que se constrói em termos de uma *geometria metafísica*, questionando como se daria a união do *divisível ao indivisível*, tendo em vista sua *ação recíproca* (GUÉROULT, 2016, p. 669).

Em suas respostas ao interessante questionamento de Elisabeth, Descartes argumenta que o problema por ela proposto está mal formulado. Isso se dá porque, no entender do filósofo, a princesa supostamente teria confundido o modo como a alma move o corpo com a forma com que um corpo move outro corpo. Nas palavras de Descartes, "assim, creio, antes de tudo, que temos confundido a noção e força pela qual a alma age no corpo, com aquela pela qual um corpo age em outro [...]" (DESCARTES, 2017, p. 197; AT III 667). Portanto, para Descartes, equivoca-se aquele que pensa a interação alma-corpo à luz do mecanicismo; dito

de outro modo, a relação alma-corpo é impensável em termos da relação corpo-corpo. Isso porque a alma é irreduzível às leis naturais (como a necessidade do choque para que o movimento aconteça), ao passo que os corpos lhe são completamente submissos. Ora, se não se pode pensar a interação substancial aos moldes do mecanicismo, como ela deve ser analisada? A resposta de Descartes é surpreendente: ela é imperscrutável do ponto de vista intelectual, não se pode analisá-la filosoficamente. Para valermo-nos das interessantes linhas de Ferdinand Alquié, “a união da alma e do corpo vive-se e não se pode compreender, as lições da afetividade são irreduzíveis às do entendimento [...]” (ALQUIÉ, 1986, p. 20).

“É usando somente da vida”, afirma Descartes, “e das conversas ordinárias, e se abstendo de meditar e estudar as coisas que exercitam a imaginação, que aprendemos a conceber a união da alma e do corpo” (DESCARTES, 2017, p. 200; AT III 692). Isso sugere, como explica claramente Guérault, que “essa união é um fato que se constata, não uma verdade de essência que se conhece em sua possibilidade intrínseca” (GUÉROULT, 2016, p. 655). A “eficácia motriz da vontade” é, para Descartes, “[...] um fato *sui generis*, independente de todo raciocínio, e contra o qual nenhum deles poderia prevalecer” (LAPORTE, 1988, p. 228). A experiência da união substancial deve ser vivida, experimentada em nosso cotidiano, não investigada, como pretendia Elisabeth. Vivendo, o ser humano percebe claramente que, por meio de

sua vontade, seu corpo pode ser facilmente movido. Ou seja, se desejo levantar minha mão esquerda, posso fazê-lo sem grandes esforços, o que se constata na vida ordinária. Portanto, “para saber o que é a união da alma com o corpo, não é necessário, de fato, ser um filósofo; basta ter fome e pedir à mão que corte um pedaço de pão; por sua vez, saber o que é a alma e o que é o corpo é outra questão: unicamente a verdadeira filosofia pode nos ensinar” (GOUHIER, 2016, p. 351). “De onde vem que aqueles que não filosofam nunca, e que não se servem senão de seus sentidos, não duvidem que a alma mova o corpo [...]” (DESCARTES, 2017, p. 200; AT III 692).

Creemos que uma nova tradução da primeira carta de Elisabeth a Descartes, na qual ela constrói o problema da união substancial, é de relevância peculiar para possíveis revisões do cânone filosófico, de modo que, a partir de textos dessa natureza, podemos evidenciar a intensa atividade intelectual desempenhada por mulheres filósofas. O breve texto que se segue é uma “carta-convite” remetida àqueles e àquelas que desejam compreender o pensamento de Descartes a partir de suas relações com mulheres filósofas, especialmente com Elisabeth da Boêmia. Adentremos, pois, nos rincões de um pensamento elegante e ousado, infelizmente muito pouco explorado por pesquisadores contemporâneos.

Tradução

ELISABETH A DESCARTES *

La Haye, 6/16 de maio de 1643

Com muita alegria e pesar, soube da intenção que tivestes de ver-me, de modo que passei alguns dias igualmente tocada por vossa caridade de querer comunicar-se com uma pessoa ignorante e indócil, cuja tristeza me impediu um diálogo tão proveitoso. O Sr. Pallotti tem feito aumentar fortemente em mim essa última paixão, repetindo-me as soluções que vós lhe destes das obscuridades contidas na física do Sr. Régius, das quais eu teria sido mais bem instruída por vossa própria boca, bem como de uma questão que propus ao referido professor quando ele permaneceu nessa cidade, e ele me remeteu a vós para que eu receba a satisfação requerida. A vergonha de vos apresentar um estilo tão desordenado impediu-me até agora de vos pedir esse favor por carta.

Mas hoje, o Sr. Pallotti me deu tanta segurança de vossa bondade para com cada qual, e particularmente com relação a mim, que expulsei qualquer outra consideração do espírito, mas não aquela

* Elizabeth a Descartes - 6/16 Mai 1643. *In: Oeuvres de Descartes*. Vol. III - Correspondance. Organização por Charles Adam & Paul Tannery. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, pp. 660-2, 1996 (AT III 660-662).

que prevalece, para vos suplicar que me digais como a alma do homem pode determinar os espíritos do corpo realizar ações voluntárias, (sendo apenas uma substância pensante). Pois parece que toda determinação do movimento se dá por meio do impulso da coisa movida, de modo que ela seja impulsionada por aquela que a move, ou bem, pela qualificação e figura da superfície dessa última. O choque é exigido pelas duas primeiras condições, e a extensão pela terceira. Vós excluís inteiramente a extensão da noção que tendes da alma, e possuir superfície parece-me incompatível com uma coisa imaterial. Em virtude disso, peço a vós uma definição de alma mais particular que aquela que destes em vossa Metafísica, ou seja, da sua substância separada de sua ação, do pensamento. Pois, ainda que as suponhamos inseparáveis (que, todavia, é difícil de se provar no ventre da mãe e nos grandes desmaios), como os atributos de Deus, podemos, considerando-os à parte, adquirir uma ideia perfeita.

Reconhecendo-vos como o melhor médico para mim, descobro tão livremente as deficiências de suas especulações, e espero que, observando o juramento de Hipócrates, vós trareis remédios sem as publicar; o que vos suplico para fazer, bem como resignar-se das impertinências de

Vossa afetuosa amiga a servir-vos,

Elisabeth

Referências Bibliográficas

ALQUIÉ, Ferdinand. **A Filosofia de Descartes**. Lisboa: Editorial Presença, 1986.

DESCARTES, René. **Oeuvres de Descartes**. Charles Adam & Paul Tannery (org.). Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1996.

DESCARTES, René. **Discurso do Método, Meditações, Objeções e Respostas, As paixões da alma, Cartas**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1973.

DESCARTES, René. Correspondência entre Descartes e a princesa Elisabete: cartas sobre a união substancial. **Revista Discurso**, São Paulo, volume 47, número 2, pp. 193-203, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.2017.141440>

ELIZABETH, Countess Palatine. **The Correspondence between Princess Elisabeth of Bohemia and René Descartes**. Editado e traduzido por Lisa Shapiro. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2007.

GOUHIER, Henri. **La pensée métaphysique de Descartes**. Paris: Vrin, 2016.

GUÉROULT, Martial. **Descartes segundo a ordem das razões**. São Paulo: Discurso Editorial, 2016.

KOLESNIK-ANTOINE, Delphine.; PELLEGRIN, Marie-Frédérique. **Elisabeth de Bohême face à Descartes: Deux philosophes?** Paris: Vrin, "Bibliothèque d'Histoire de la Philosophie", 2014.

LACERDA, Tessa Moura. A imaginação no diálogo entre Leibniz e Sophie Charlotte. **Cadernos Espinosanos**, n. 42, pp. 77-97. jan-jun, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9012.espinosa.2020.171656>

LAPORTE, Jean. **Le rationalisme de Descartes**. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.

O'NEILL, Eileen; LASCANO, Marcy P. **Feminist History of Philosophy: The Recovery and Evaluation of Women's Philosophical Thought**. Springer, USA, 2019.

PEIXOTO, Katarina Ribeiro. Verbete: Elisabeth da Boêmia. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, V. 6 N. 10, 2020.

RADNER, Daisie. Descartes' Notion of the Union of Mind and Body. **Journal of the History of Philosophy**, volume 9, número 2, pp. 159-170, 1971. DOI: <https://doi.org/10.1353/hph.2008.1109>

RADNER, Daisie. Is There a Problem of Cartesian Interaction?
Journal of the History of Philosophy, volume 23, número 1, pp.
35-49, 1985. DOI: <https://doi.org/10.1353/hph.1985.0012>

SHAPIRO, Lisa. Princess Elizabeth and Descartes: the union of
soul and body and the practice of philosophy. **British Journal for
the History of Philosophy**, volume 7, número 3, p. 503-20, 1999.
DOI: <https://doi.org/10.1080/09608789908571042>

SHAPIRO, Lisa. Introduction. *In*: ELISABETH, Countess Palatine.
**The Correspondence between Princess Elisabeth of Bohemia
and René Descartes**. Editado e traduzido por Lisa Shapiro.
Chicago; London: The University of Chicago Press, pp. 1-51, 2007.

SOARES, Alexandre Guimarães Tadeu de. A emergência da
terceira noção primitiva na correspondência com Elisabeth.
Modernos e contemporâneos, Revista de Filosofia do IFCH,
volume 1, número 2, p. 130-46, 2017.

TOLLEFSEN, Deborah. Princess Elisabeth and the Problem of
Mind-Body Interaction. **Hypatia**, volume 14, número 3, p. 59-77,
1999. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1527-2001.1999.tb01052.x>